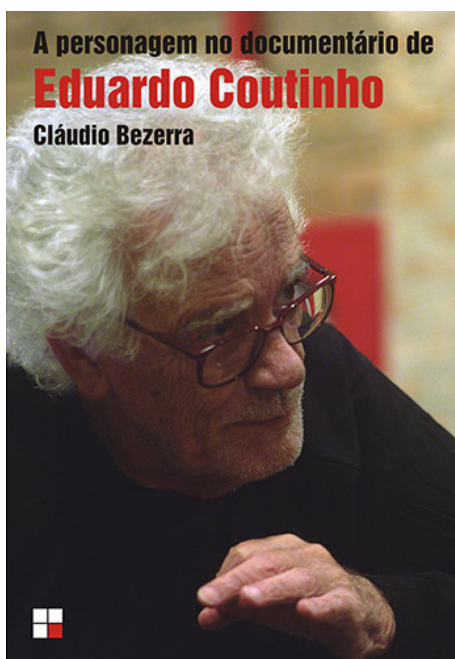


De Pessoa a Personagem:

as singulares performances e o estilo Coutinho de fazer cinema

Fernanda Aguiar Carneiro Martins¹



Resenha

BEZERRA, Cláudio. *A personagem no documentário de Eduardo Coutinho*. Campinas, SP: Papyrus, 2014. 144 p.

¹ Professora Adjunta do Colegiado em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Fundadora e Coordenadora do LACIS – Laboratório de Análise e Criação em Imagem e Som (CNPq/UFRB).

e-mail: martnanda@gmail.com

O livro *A personagem no documentário de Eduardo Coutinho* (Papirus, 2014), assinado por Cláudio Bezerra – professor de Cinema, Televisão e Vídeo da Universidade Católica de Pernambuco, e também documentarista, inclusive tendo colaborado com Eduardo Coutinho em *Sobreviventes de Galileia* (2014) e *A Família de Elizabeth Teixeira* (2014) –, já a partir do título chama a atenção pela originalidade do tema: o estudo da personagem na filmografia de Eduardo Coutinho. Verdadeiro ícone de um cinema livre, desenvolvido, independente, autoral, Eduardo Coutinho constitui referência obrigatória no que concerne ao cinema documentário brasileiro. Assim sendo, nada mais justo que uma até então inédita chave de entendimento de sua obra, a fim de dar conta dos múltiplos seres habitantes do universo coutiniano. Dotado de uma escrita exigente e concisa, que obedece a uma divisão interna, estruturada em capítulos que partem do geral (as fases da produção do documentarista) ao particular (o estilo do cineasta, melhor delineado em sua última fase, a da maturidade), o livro *A personagem no documentário de Eduardo Coutinho* (2014) chega ao público demonstrando ser o resultado de um trabalho consistente de reflexão e de análise, fruto de uma pesquisa acadêmica que não prescinde de rigor metodológico.

Em seu artigo intitulado *Dramaturgia no documentário: a questão da personagem*, de 2013, Cláudio Bezerra nos alerta para o que julga fundamental:

No âmbito da teoria, a noção de personagem ainda aparece como um problema menor no documentário. E é um contrassenso que o tema tenha despertado pouco interesse dos teóricos, pois a atuação de pessoas do mundo histórico diante das câmeras é um recurso amplamente aceito e usado desde os primórdios do cinema documental.²

Desde então deparamo-nos, pois, com uma falsa evidência: uma vez ocorrendo “atuação”, no cinema documentário, inelutavelmente, de pessoa

² BEZERRA, Cláudio. *Dramaturgia no documentário: a questão da personagem*. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/cinecachoeira/2013/11/a-dramaturgia-do-documentario-a-questao-da-personagem/>. Acessado em: 13 de outubro de 2015.

passa-se a personagem. Lamentavelmente, em termos teóricos, defrontamo-nos com uma lacuna: a investigação acerca da personagem, neste cinema, espera ainda por maiores pesquisas. Vale recordar aqui a afirmação de Fernão Ramos ao remontar as origens do cinema documentário, quando observa que “o documentário aparece quando descobre a potencialidade de singularizar personagens que corporificam as asserções sobre o mundo”.³ E eis que à problemática da personagem no cinema documentário se alia a da performance. Sob esse ângulo, o estudioso segue, entre outras, a orientação de Erving Goffman, em seus estudos sobre as relações intersubjetivas – aquelas nas quais, em situação de copresença, as pessoas estão sempre construindo uma autoimagem de si para tentar influenciar o interlocutor; em suma, estão sempre se (re)inventando perante a câmera, com a finalidade explícita de influenciar, de algum modo, as outras pessoas. No tocante ao modo de expressão do documentário contemporâneo, em que a noção de identidade unívoca e a de categorização social não têm mais relevância, o próprio diretor sendo personagem, o modelo *documentário performático* possui pertinência. Esse conceito é sustentado pelo teórico norte-americano Bill Nichols inicialmente em *Blurred boundaries: questions of meaning in contemporary culture* (1994) e, posteriormente, em *Introdução ao documentário* (2001). Sem dúvida, baseando-se nesses pressupostos, o presente trabalho de investigação promove um instigante percurso. Ademais, dada a forte tendência subjetiva do documentário contemporâneo, na qual encontramos o documentário em primeira pessoa, sabemos que a ética da voz expositiva não faz mais sentido, em seu esforço de querer fazer valer um saber objetivo e impessoal do mundo.

Face a uma produção documentária complexa e diversificada, de um realizador chamado de “jazzista”, por João Moreira Salles, ao enfatizar as regras

³ Apud BEZERRA, Cláudio. *A Personagem no documentário de Eduardo Coutinho*, Campinas, SP: Papyrus Editora, 2014; “Dramaturgia no Documentário: a questão da personagem”. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/cinecachoeira/2013/11/a-dramaturgia-do-documentario-a-questao-da-personagem/>. Acessado em: 13 de outubro de 2015.

da improvisação, compondo o ofício de “um especialista da improvisação”⁴, cujas narrativas se constroem a dois – voz e ouvido comandando em partes iguais –, o estudo de Cláudio Bezerra surpreende, graças ao poder de apreensão de modo sistemático não apenas da obra como um todo, mas também e, sobretudo, de um estilo Coutinho de fazer cinema. Se em *O documentário de Eduardo Coutinho – televisão, cinema e vídeo* (2004), de Consuelo Lins, essa busca de sistematização pode ser examinada - além de se dedicar à análise dos filmes (intitulando vários capítulos), a estudiosa se atém à “Escola da Televisão” e aos “Anos de Transição”, ou seja, a períodos precisos da produção coutiniana –, no livro de Cláudio Bezerra essa busca surge melhor consolidada. Desde o índice, na subdivisão dos capítulos, várias classificações são propostas ao leitor, indo sempre do geral ao particular, no que concerne às fases de produção do documentarista, aos perfis de personagens encontrados em sua filmografia e, por fim, às performances existentes, no caso, nove tipos.

Assim sendo, temos inicialmente a evolução estilística de Coutinho, compreendendo três momentos: 1) os primeiros passos de um “documentarista” de média-metragem televisivo, destituído de intimidade com a narrativa documentária e ainda incerto quanto à sua afirmação como documentarista, em sua primeira fase de “Experimentação” (1975-1984); 2) a fase intermediária, que começa com *Cabra marcado para morrer* (1984), o primeiro longa-metragem para cinema, onde se depreende uma busca por um trabalho autoral; por sua vez, um tanto paradoxal, dado o caráter desigual dessa produção, numa fase designada como sendo a de “gestação de um estilo” (1984-1999); 3) por último, a fase na qual se consubstancia um modo próprio de pensar e fazer documentário, a denominada fase do “documentário de personagem” (1999-2013), tendo como marco inicial *Santo forte* (1999).

No segundo capítulo, “Trajetória da personagem coutiniana”, a taxonomia das personagens nos põe no centro da discussão sobre o cinema de Eduardo

⁴ Apud LINS, Consuelo. *O documentário de Eduardo Coutinho – televisão, cinema e vídeo*, Rio de Janeiro: Zahar, 2004: 8.

Coutinho. Sob essa perspectiva, a personagem vítima e/ou heroína, a personagem contraditória e a personagem performática são analisadas, de modo a estabelecer um viés comparativo com os exemplos oferecidos entre outros no documentário de Robert Flaherty e no de John Grierson, nas experiências do “cinema direto” e do “cinema-verdade”, enfim, nos aportes contemporâneos. A atividade analítica impressiona graças a seu caráter minucioso, rico em detalhes, fornecendo-nos uma estreita aproximação com a obra. No que se refere à personagem performática, lê-se:

O que faz a diferença, de *Santo forte* até *Sobreviventes de Galileia* e *A família de Elizabeth Teixeira...* é uma oralidade ora singela, ora exuberante de alguém que encena a sua vida para a câmera com palavras, gestos, expressões e posturas, muitas vezes, singulares, surgidas espontaneamente, ‘no calor da hora’ da filmagem, durante a interlocução com o diretor, sua equipe e a câmera, como uma presença ‘viva’ do espectador.⁵

Quanto à questão da performance, termo que se mantém na língua original, cabe verificar que ganhou destaque no domínio do documentário a partir dos anos 1990, haja vista o aparecimento de filmes com um enfoque pessoal e autobiográfico. O terceiro capítulo do livro traz à tona a origem do termo e o debate que se coloca em torno dele, em vigor em diferentes ramos das ciências sociais e no campo das artes. Aqui importa desvendar o elo que se estabelece entre performance, performer e personagem documentária, cuja investigação não escapa a uma abordagem dos procedimentos de filmagem e de montagem. Em seguida, no quarto e último capítulo, encontramos os fundamentos do estilo Coutinho de fazer cinema, que tem como base nove tipos de performance: a performance xamanística, a musical, a provocadora, a exibicionista, a divertida, a educativa, a esotérica, a melodramática e a performance indecisa. Partindo dos cinco tipos apontados por Roselee Goldberg em *Performance art – from future to the present* (2001), as nove qualidades no documentário coutiniano aparecem

⁵ BEZERRA, Cláudio. *a personagem do documentário de Eduardo Coutinho*, Campinas, SP: Papyrus, 2014: 42.

fundamentadas, operando ainda um agrupamento dos filmes em dois blocos. Todavia, o estudioso nos alerta: em um dado filme, as performances não são excludentes.

No que diz respeito à pesquisa acadêmica e, precisamente, à disciplina análise fílmica, é interessante observar que este livro se preocupa, antes de tudo, com os filmes considerados enquanto obras em si mesmas, independentes, infinitamente singulares. Ao discutir a natureza e a função da personagem no documentário de Eduardo Coutinho, desvelando como pessoas comuns se tornam personagens, a partir de certos procedimentos de filmagem e de montagem, Cláudio Bezerra nos permite de modo frutífero melhor apreciar a obra, promovendo uma compreensão eficaz. Mesmo se atendo ao processo único de significação, que constitui cada filme, a história das formas, dos estilos e de sua evolução do cinema documentário é igualmente encarada. Em seu desejo de conhecimento e sua avaliação, o estudioso analista se revela um pedagogo do prazer estético, graças a seu esforço em compartilhar a riqueza da obra. Imbuído pelo caráter inventivo da análise, verifica-se que esta não aparece dissociada do trabalho de interpretação – espécie de motor imaginativo, cuja faculdade ainda nesse nível mantém a análise em um quadro tão verificável quanto possível, livrando-a de qualquer risco de arbitrariedade, de qualquer excesso de subjetividade. A preocupação deste livro em oferecer um estudo que se quer objetivo, sólido, lúcido e científico comprova o grau de excelência da pesquisa acadêmica no domínio dos estudos de cinematográficos e audiovisuais no Brasil.

Referências

AUMONT Jacques; MARIE Michel. *A análise do filme*, trad. Marcelo Félix. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

BEZERRA, Claudio. “Dramaturgia no documentário: a questão da personagem”. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/cinecachoeira/2013/11/a-dramaturgia-do-documentario-a-questao-da-personagem/>. Acessado em: 13 de outubro de 2015. *A personagem no documentário de Eduardo Coutinho*. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2014.

BEZERRA, Julio. *Documentário e jornalismo – propostas para uma cartografia plural*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

LINS, Consuelo. *O documentário de Eduardo Coutinho – televisão, cinema e vídeo*, Rio de Janeiro: Zahar, 2004; MESQUITA, Cláudia. *Filmar o real – sobre o documentário brasileiro contemporâneo*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*, 4ª ed., trad. Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2005.